

## 5

Os dados de combate do sistema Woostri apareceram no monitor plano.

— Ainda não consigo acreditar — reclamou Leia, baixando sua prancheta de dados. — Se o Império possuísse uma super-arma, capaz de disparar através de escudos planetários, estariam usando em todos os sistemas atacados. Tem de ser um truque, ou algum tipo de ilusão.

— Concorde. A questão, é como convencer o resto do Conselho e a Assembléia? — indagou Mon Mothma. — Sem mencionar os próprios sistemas?

— Precisamos descobrir o que de fato aconteceu em Ukio e em Woostri — afirmou o almirante Ackbar, com voz grave. — E tem de ser logo.

Leia apanhou outra vez a prancheta, olhando rápido para o almirante. Os olhos saltados do mon calamari pareciam pesados e a cor, um brilhante tom salmão, estava desbotada. O cansaço parecia dominar o militar e com a grande ofensiva do Império a todo vapor, não era provável que tivesse tempo de descansar.

Nem o restante deles.

— Já sabemos que o Grande Almirante Thrawn possui um grande talento para saber o que vai na cabeça de seus adversários — lembrou Leia. — Será que poderia ter previsto quando os habitantes de Ukio e de Woostri iriam render-se?

— Em relação, por exemplo, à defesa de Filve? — completou Mon Mothma. — Interessante. Isso sugere que a ilusão não pode ser mantida por muito tempo.

— Ou que as fontes de energia envolvidas são elevadas demais — acrescentou Ackbar. — Se o Império conseguiu um método de focalizar energia não visível contra um escudo, poderia enfraquecer um setor durante o tempo suficiente para disparar um canhão turbolaser pela abertura. Só que isso envolveria uma quantidade enorme de energia.

— E deveria acusar uma diminuição de energia no escudo — argumentou Mon Mothma. — Nada disso é o caso, segundo as

informações.

— Nossas informações podem estar erradas — lembrou o almirante, olhando depressa para o conselheiro Brey'lya. — Ou podem ter sido plantadas pelo Império. Essas coisas já aconteceram antes.

Leia também olhou para o bothan, imaginando se o insulto velado terminaria com o silêncio auto-imposto por Fey'lya. Mas ele permaneceu ali, os olhos postos na mesa, o pelo bege absolutamente imóvel. Sem falar ou reagir às palavras... talvez também não pensasse em nada.

No futuro ele recobriria a vontade de falar e reassumiria sua verdadeira estatura política. No momento, porém, com as falsas denúncias contra Ackbar ainda frescas na memória de todos, ele atravessava a versão bothan de "penitência".

Leia ficou irritada. Mais uma vez o estilo político bothan, inflexível e radical, atrasava os interesses da Nova República. Alguns meses antes, as acusações de Fey'lya gastaram tempo e energia consideráveis; agora, que o Conselho precisava de todos os recursos que conseguisse reunir, inclusive os de Fey'lya, ele resolvera agir como um mártir.

Havia dias... e noites também... em que Leia se desesperava com a tarefa de conseguir manter a Nova República unida.

— Tem razão, almirante — concordou Mon Mothma, com um suspiro.

— Precisamos de mais informações. E rápido.

— A organização de Talon Karrde é nossa melhor oportunidade — disse Leia. — Ele possui os contatos, tanto aqui quanto do lado do Império. E pelo que Luke afirmou em seu último relatório, parecia interessado em vender informações.

— Não podemos ficar à disposição de um contrabandista — objetou Ackbar, com expressão de desagrado. — E quanto ao general Bel Iblis? Ele tem lutado sozinho contra o Império, há vários anos.

— O general já passou seus contatos de Inteligência para nós — afirmou Mon Mothma, com um músculo do rosto tremendo. — Estamos integrando os informantes em nosso próprio sistema.

— Eu não estava me referindo aos contatos — disse Ackbar.

— Quis dizer o próprio general. Por que ele não está aqui? Leia olhou para Mon Mothma, sentindo um frio no estômago. Garm Bel Iblis fora uma das forças originais que dera consistência à primeira Aliança Rebelde e por anos haviam formado uma tríade de liderança com Mon Mothma e Bail Organa, o pai adotivo de Leia. Mas quando Organa morreu em Alderaan, no ataque aniquilador da Estrela da Morte, e Mon Mothma centralizou boa parte do poder, Bel Iblis deixou a Aliança e começou a atacar por conta própria. Desde então, continuara sua guerra particular contra o Império, até que... sem querer cruzara o caminho com o corellian Han Solo.

Foi o pedido urgente de Han que trouxera Bel Iblis e sua força de seis cruzadores *Dreadnaught* à batalha do *Katana*, para ajudar a Nova República. Mon Mothma, falando em enterrar as diferenças do passado, acolhera Bel Iblis de volta.

Porém sua primeira providência foi designá-lo para a zona de fronteira da Nova República. Tão longe de Coruscant quanto possível.

Leia ainda não estava pronta a aceitar que Mon Mothma fosse vingativa. Mas havia outros na Nova República que se recordavam do papel representado pelo gênio tático do senador... e nem todos estavam dispostos a conceder o benefício da dúvida para Mon Mothma.

— A experiência do general é necessária na frente de batalha — disse ela.

— A experiência dele também é necessária aqui — argumentou Ackbar.

Leia percebeu uma ponta de resignação na voz do almirante. O próprio Ackbar havia retornado de uma viagem para vistoriar as defesas dos setores Farrfin e Dolomar e pela manhã partiria para Dantooine. Com a máquina de guerra do Império acionada, a Nova República não podia se dar ao luxo de enterrar seus melhores homens em escritórios na retaguarda.

— Entendo sua preocupação. Se conseguirmos que a situação se estabilize, tenho a intenção de trazer o general Bel Iblis de volta e encarregá-lo do planejamento tático — afirmou Mon Mothma.

*Se conseguirmos que a situação se estabilize*, repetiu Leia para si, sentindo outra vez o estômago doer. Até então, a ofensiva caminhava de

acordo com o ritmo do Império...

O pensamento interrompeu-se, quando outra idéia penetrou-lhe a mente. Uma nova consciência. Não era o *estômago* que a incomodava...

Ackbar dizia alguma coisa.

— Desculpe — interrompeu ela, levantando-se com cuidado. — Não queria interromper, mas preciso ir para a ala médica.

Os olhos de Mon Mothma se arregalaram.

— Os gêmeos?

— Acho que eles estão a caminho — concordou Leia.

As paredes e o teto da sala de partos possuíam uma tonalidade quente e suave, além de uma série de luzes sincronizadas com os padrões cerebrais de Leia. Em teoria, deviam ajudá-la a relaxar e concentrar-se. Na prática, depois de quase dez horas, a técnica perdia sua eficiência.

Sentiu outra contração, a pior delas. Automática, Leia projetou a Força, usando os métodos que Luke ensinara para conter a dor muscular. Pelo menos seu parto estava lhe proporcionando uma chance de praticar as técnicas Jedi.

E não apenas as que controlavam a dor. *Está tudo bem*, assegurou ela às duas pequenas mentes. *Mamãe está aqui com vocês*.

Na verdade, não ajudou. Capturados por forças que não compreendiam, os dois pequenos corpos eram apertados e empurrados na direção do desconhecido e suas mentes ainda não formadas transbordavam de medo.

Para dizer a verdade, o estado do pai não era muito diferente.

— Você está bem? — indagou ele, pela enésima vez. Apertou-lhe a mão com mais força, tencionando o próprio corpo ao acompanhar a contração, também pela enésima vez.

— Ainda estou ótima — assegurou Leia, esperando a contração passar.

— Mas você parece péssimo.

— E que já passou da minha hora de dormir — respondeu Han, fazendo uma careta.

— Deve ser isso — concordou ela. Olhando outra vez, percebeu que ele estava nervoso, mas fazia o possível para esconder o fato; mais

para não deixá-la nervosa do que para preservar a própria imagem. Sentiu carinho por ele.

— Desculpe.

— Não se preocupe com isso — disse Han, olhando para o médico e os dois dróides, na outra extremidade da cama.

— Parece que vai ser agora, meu bem.

— Com certeza... — começou Leia, interrompendo-se com um gemido.

— Você está bem? — quis saber Han, o nível de ansiedade aumentando outra vez.

Leia assentiu, com os músculos da garganta apertados.

— Me abrace, Han — murmurou ela, assim que conseguiu falar outra vez. — Me abrace.

— Estou aqui — disse ele, passando o braço pelos ombros dela.

Leia mal escutou. Em seu interior, os pequeninos seres que ela e Han haviam criado começavam a mover-se... e o medo que sentiam transformou-se em terror.

*Mão tenham medo. Não tenham medo. Tudo vai dar certo. Estou aqui. Logo vocês estarão comigo.*

Na verdade ela não esperava uma reação... as mentes dos gêmeos ainda não se haviam desenvolvido o suficiente para compreender algo abstrato como palavras, ou conceitos de acontecimentos futuros. Mas não se deteve, envolvendo o medo deles o melhor que podia em conforto e carinho. Sentiu mais uma contração... o movimento em direção ao mundo continuava.

Nesse instante, para felicidade de Leia, uma das pequenas mentes respondeu, tocando-a de uma forma que nenhuma das duas fizera antes. O medo elevou-se e teve a imagem mental da mão de um bebê agarrando seu dedo. *Isso... sou sua mãe, e estou aqui*, respondeu ela.

O bebê pareceu considerar aquilo. Leia continuou tentando reconfortá-lo e a mente deu a impressão de afastar-se, como se sua atenção tivesse sido atraída por alguma outra coisa. Um bom sinal, pensou ela. Se podia ser distraída...

Então, para seu espanto, o medo da segunda mente desapareceu. Segundo o que compreendera, o segundo filho nem ao menos reparara

em sua presença...

Mais tarde tudo pareceu óbvio, se não inevitável. Mas no momento, a revelação ainda era surpreendente o bastante para arrepiar Leia. Os gêmeos, crescendo juntos na Força, assim como cresciam em seu interior, de alguma maneira tornaram-se ligados um ao outro... ligados de uma forma que Leia sabia jamais poder partilhar.

Foi, ao mesmo tempo, um dos momentos de maior orgulho e intensidade na vida de Leia. Ter esse vislumbre do futuro... enxergar os filhos crescendo e desenvolvendo-se com a Força... e saber que eles partilhavam um sentimento que ela não partilharia.

A contração cessou e a visão agriçoce do futuro reduziu-se a uma pepita dolorosa no canto de sua cabeça. Uma dor que piorou quando Leia se deu conta do egoísmo que havia no fato de que Han seria capaz de partilhar ainda menos do que ela da vida dos filhos.

Através da névoa mental, uma luz brilhante pareceu explodir em frente a seus olhos. Por reflexo, ela apertou a mão do marido.

— O que...

— Vem vindo — anunciou ele, retribuindo o aperto. — O primeiro já está metade para fora.

Leia piscou, a luz diluindo-se à medida que sua mente se libertava do contato com a do primeiro bebê, cujos olhos jamais haviam percebido nada que não fosse uma penumbra agradável.

— Diminua essa luz — pediu ela. — Está muito brilhante. Os olhos dele...

— Está tudo bem — garantiu o médico. — Os olhos vão se acostumar. Agora faça o último esforço.

Sem nenhum tipo de aviso, a primeira parte terminou.

— Peguei um — murmurou Han, a voz estranhamente alterada. — E... é nossa filhinha. Jaina.

O rosto do marido sorria feliz, agora que a tensão se fora.

— Jaina — repetiu Leia, saboreando o nome escolhido de uma forma inédita. — E quanto a Jacen?

— De acordo com os últimos boatos, eu diria que ele está ansioso para encontrar sua irmã, do lado de fora. Fique pronta para fazer força... agora!

Leia respirou fundo e concentrou-se. Após dez horas de trabalhos de parto e de nove meses de gravidez... o final chegara.

Não. Não se tratava do final. Era o começo.

Colocaram os gêmeos em seus braços alguns minutos mais tarde. Ela olhou para os dois rostos pequenos, depois para Han, sentindo uma paz absoluta baixar sobre a pequena família. Entre as estrelas podia haver uma guerra em andamento, mas ali, naquele instante, tudo no Universo parecia estar em seu lugar.

— Cuidado, Rogue Líder — avisou Rogue Dez pelos fones de Wedge.

— Tem um deles seguindo você.

— Já vi — disse Wedge, fazendo uma curva brusca com seu asa-X.

O interceptar TIE passou direto, despejando fogo através dos canhões laser, depois tentou copiar a manobra do asa-X. Cerca de meio segundo atrás dele, outro caça da Nova República transformou-o numa nuvem de destroços.

— Obrigado, Rogue Oito — disse Wedge, suando frio e examinando seus monitores.

Pelo menos por enquanto, parecia que a área deles no meio da batalha estava tranqüila. Efetuando uma longa curva com seu asa-X, ele fez sua avaliação do combate.

Parecia pior do que imaginara. Pior do que há cinco minutos. Mais dois destróieres estelares classe *Victory* chegaram do hiperespaço e abriam fogo, à queima-roupa, sobre um dos três cruzadores estelares calamari restantes. Pela quantidade de disparos...

— Esquadrilha Rogue: mudar curso para vinte e dois ponto oito — ordenou ele, dando o exemplo com seu asa-X.

Ao dirigir-se para lá perguntou-se como os homens do Império haviam conseguido fazer aquilo. Um salto preciso no hiperespaço já era difícil em condições ideais; executá-lo no meio do caos de uma batalha teria sido considerado impossível. Tratava-se de mais um exemplo da extraordinária capacidade do Império para coordenar suas naves.

Um ruído de aviso foi emitido pelo dróide astromecânico atrás dele: encontravam-se próximos demais a uma grande massa para

executar o salto para o hiperespaço. Wedge olhou ao redor, avistando o cruzador interceptador pairando à distância, mantendo-se fora da batalha em si. O Império não queria que nenhuma nave da Nova República saísse da festa mais cedo.

A frente, alguns dos caças dos dois destróieres classe *Victory* vinham ao seu encontro.

— Formação de Porkins — ordenou Wedge a seu grupo. — Cuidado com os flancos. Cruzador estelar *Orthavan*, aqui Esquadrilha Rogue; estamos chegando.

— Fiquem aí, Rogue Líder — disse a voz grave de um mon calamari. — As forças deles são muito maiores. Não podem ajudar.

O mon calamari tinha razão.

— Vamos tentar, assim mesmo. Agüente firme. Os caças TIE estavam quase ao alcance de fogo.

— Esquadrilha Rogue, aqui é Bel Iblis — interveio uma nova voz. — Interrompam o ataque. Quando eu avisar, façam uma curva de trinta graus a bombordo.

Com certo esforço, Wedge deixou de responder algo que o teria levado à corte marcial. Segundo ele, enquanto a nave ainda estava inteira, havia esperança de salvá-la. O famoso general Iblis não partilhava dessa opinião.

— Entendido, general. Esquadrilha: a postos.

— Esquadrilha Rogue: agora!

Com certa relutância, Wedge realizou a curva com seu asa-X. Os caças TIE mudaram de curso para seguir; de repente pareceram perturbados...

Numa velocidade que espantou a todos, uma esquadrilha de assalto de caças asa-A passou por onde a Esquadrilha Rogue acabava de sair. Os caças TIE, já assumindo posição para seguir os asa-X, foram apanhados no meio da manobra e quando perceberam, os asa-A já haviam passado, seguindo a toda para o cruzador estelar.

— Muito bem, Esquadrilha Rogue. E a vez de vocês — disse Bel Iblis, pelo intercomunicador.

Wedge sorriu. Ele devia conhecer melhor Bel Iblis.

— Entendido, general. Esquadrilha: atacar.



— E depois, prepare-se para a retirada — acrescentou o general.

Wedge piscou, o sorriso diminuindo. *Retirada?* Voltando seu caça para a zona de combate, ele deu uma olhada geral.

Há poucos minutos, acreditara que a situação estava ficando ruim para o lado deles. Agora encontravam-se à beira da catástrofe. As forças de Bel Iblis estavam reduzidas a dois terços do efetivo original, as quinze naves maiores com as quais iniciara, estavam agrupadas numa formação de defesa de último recurso. Ao redor, minando as defesas, havia cerca de vinte destróieres e cruzadores Dreadnaught.

Wedge olhou outra vez para a esquadrilha de caças TIE que se aproximava, e além deles, o cruzador interceptador, cujos geradores de gravidade impediam a frota de passar para a velocidade da luz.

Os caças inimigos chegaram e não houve mais tempo para pensar. A batalha foi curta e encarniçada. As manobras rápidas dos asa-A haviam tirado a estabilidade do inimigo e, em três ou quatro minutos, todos foram abatidos.

— E agora, Rogue Líder? — quis saber Rogue Dois, depois de derrubar o último.

Wedge olhou para o *Orthavan*. Se o truque de Bel Iblis não tivesse funcionado...

Mas funcionara. A rápida passagem dos asa-A distraíra o ataque do destróier classe *Victory* o suficiente para que o cruzador voltasse à ofensiva. O *Orthavan* possuía tanto baterias turbolaser como canhões iônicos e todos disparavam sem cessar, castigando a fuselagem da nave inimiga. Enquanto Wedge observava, uma torrente de gás superaquecido irrompeu na região central do destróier mais próximo, fazendo com que ele fosse impulsionado para longe, a girar. O cruzador estelar passou por ali e moveu-se na direção do Interceptador.

— Alterar o curso para acompanhar o *Orthavan* — ordenou Wedge. — Eles podem precisar de apoio.

Acabou de pronunciar as palavras e dois cruzadores Dreadnaught apareceram, um de cada lado do *Orthavan*. Wedge conteve o fôlego, mas o *Orthavan* avançava rápido demais e os inimigos só puderam arriscar alguns disparos em sua direção. Quando se voltavam para segui-lo, a esquadrilha de asa-A executou outra vez sua manobra rápida. Os dois

cruzadores do Império reagiram como os TIE, distraídos pela rapidez do movimento. Quando os caças terminaram seu mergulho, o *Orthavan* estava além de qualquer chance de perseguição pelos Dreadnaught.

O os defensores do Império sabiam disso. Atrás de Wedge, o dróide sinalizou: o campo gravitacional estava se atenuando. O Interceptador preparava a própria fuga, juntando energia para o salto ao hiperespaço.

O campo gravitacional...

A explicação surgiu na cabeça de Wedge. Estivera errado, pois os destróieres do inimigo não necessitavam de nenhum tipo de coordenação mística para saltar à velocidade da luz e surgir tão perto do Interceptador. Tudo o que precisavam fazer era voar ao longo do vetor de hiperespaço fornecido pelo Cruzador Interceptador e esperar até que o cone bem definido os trouxesse de volta.

Superestimar as forças do inimigo podia ser tão perigoso quanto subestimá-las. Era uma lição que valia a pena ser lembrada.

— O campo gravitacional do Interceptador acabou — anunciou Bel Iblis nos fones. — Todas as unidades: preparem-se para retirar quando eu avisar.

— Esquadrilha Rogue: entendido — respondeu Wedge. Recordou-se do plano de fuga e voltou-se para contemplar a zona de combate. Não havia dúvida alguma. Haviam sido derrotados e massacrados, apesar da lendária habilidade tática de Bel Iblis. O general conseguira apenas evitar perdas maiores.

E o preço fora mais um sistema perdido para o Império.

— Esquadrilha Rogue: agora.

— Entendido — disse Wedge, antes de puxar o manete do hiperdrive. Enquanto as estrelas marcaram o céu com linhas luminosas, um pensamento ocorreu a ele.

Num futuro próximo, superestimar o Império não iria ser um problema.